

Belluzzo crê em nova ordem econômica

A reunião dos Ministros das Finanças dos países credores, convocada pelo Presidente Reagan para analisar a questão de dívida externa dos países do 3º mundo, é o primeiro passo para que seja repensada a ordem econômica internacional — afirmou ontem o Secretário Especial para Assuntos Econômicos do Ministério da Fazenda, Luiz Gonzaga Belluzzo.

Para Belluzzo, a reunião dos países desenvolvidos reforça a posição do Presidente José Sarney, de que não abrirá mão de um crescimento mínimo de cinco por cento ao ano da economia brasileira. Segundo ele, essa reunião começou a ser esboçada no início da semana passada, quando foi divulgado documento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o qual critica as medidas monetaristas do Fundo Monetário Internacional (FMI).

— A verdade é que a receita que vinha sendo dada até agora pelo FMI era completamente inadequada e não vinha obtendo qualquer tipo de resultado no sentido de os países devedores fazerem ajustamento de suas economias. Pelo contrário, pois as medidas ditadas pelo Fundq só provocaram mais recessão — afirma Belluzzo.

Outro fator que teria levado o Governo americano a repensar a questão da dívida externa do 3º mundo, na opinião de Belluzzo, foi o FMI ter suspendido a concessão de uma linha de crédito no valor de US\$ 900 milhões ao México, exatamente no momento em que o país enfrenta uma grave crise, devido ao terremoto, que destruiu grande parte da cidade do México e matou milhares de pessoas.

MARCILIO MARQUES MOREIRA — Vice-Presidente do Unibanco — “Uma maior presença do Banco Mundial para o Brasil é interessante porque uma vez utilizada a capacidade ociosa atual das empresas, para que o País mantenha o ritmo de crescimen-

to de sete por cento ao ano serão necessários novos recursos para novos investimentos. O Banco Mundial é uma fonte de recursos mais acessível, pois as suas taxas são mais baixas que as do sistema financeiro internacional e os empréstimos são a prazos mais longos. Assim, é o financiamento adequado a projetos de investimentos. Além disso, o Banco Mundial tem hoje duas grandes preocupações: o ajustamento estrutural das economias dos países em desenvolvimento, procurando aumentar a oferta, e o atendimento às necessidades básicas da população. Isto vai de encontro às metas do atual Governo brasileiro. Para isso, porém, o Banco Mundial precisaria dobrar seus investimentos no Brasil, passando dos atuais US\$ 1,5 bilhão anuais para US\$ 3 bilhões. Mesmo assim isto não seria suficiente para financiar o nosso crescimento econômico e o Governo precisaria recorrer a outras fontes, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento, Eximbank e outros organismos similares dos países desenvolvidos”.

PAULO LIRA — Economista e Presidente do Banco Central no Governo Geisel — “A maior participação do Banco Mundial no financiamento aos países em desenvolvimento deve se dar através de uma mudança nas regras do banco, que são muito conservadoras, impedindo que ele empreste mais do que o seu capital. Esta é uma luta dos países subdesenvolvidos que existe há mais de 15 anos, mas parece que só agora começa a ser avaliada pelos países desenvolvidos, porque interessa a eles. Mas para o Brasil isso não resolve nada porque a parcela que caberia a nós seria mínima, talvez até mais US\$ 500 milhões anuais. O problema da dívida externa brasileira só se resolverá com a renegociação das condições de pagamento aos bancos privados internacionais”.